

Resenha

Um guia para a pesquisa e a prática do perfil

MAIA, Marta. **Perfis no jornalismo**: narrativas em composição. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020.

Em muitos dos estudos recentes em narrativas no Brasil – e podemos destacar as comunicações coordenadas durante os Encontros Nacionais de Pesquisadores de Jornalismo e os livros-coletânea organizados pela Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), filiada à SBPJor – o gênero perfil tem sido constantemente investigado, especialmente a partir de textos recentes de grande repercussão e positiva recepção crítica como «Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece», de Chico Felitti.

O perfil é provavelmente o filho primogênito do jornalismo literário² – a que costumo delimitar como um conjunto de gêneros textuais situados numa zona de hibridização entre os campos do jornalismo e da literatura – e certamente uma de suas modalidades mais celebradas e reproduzidas.

O gênero foi criado e cultivado pela revista semanal norte-americana *The New Yorker* desde seu lançamento, em 1925 – o termo “Profile” foi sugerido ao fundador Harold Ross pelo repórter James Kevin McGuinness (REMICK, 2000, p.ix). Em seu conceito inicial, o perfil surgiu como um contraponto à biografia: por um lado, por não pretender realizar uma narrativa exaustiva sobre a vida de uma pessoa – linear, cronológica –, focando-se em trabalhar um fragmento, uma fotografia de um instante dessa vida que procurasse delinear sua essência naquele preciso momento; por outro, por buscar se esquivar à postura reverente da escrita biográfica, optando por um estilo mordaz e satírico – nesse espírito foram produzidos retratos mordazes de Marlon Brando, por Truman Capote, e do falso príncipe russo Michael Alexandrovitch Dmitry Obolensky Romanoff, por Alva Johnston. A publicação resguardava-se de processos jurídicos por meio de seu de-



Mateus Yuri Passos¹

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp.

2 E aqui preciso fazer a ressalva de que essa não é a posição da autora da obra resenhada, que não emprega em suas pesquisas a categoria “jornalismo literário” e dedica uma seção do terceiro capítulo do livro ao tensionamento e justificativa teórica de seu posicionamento. No entanto, esta resenha é produzida por um pesquisador que se situa justamente no campo de estudos de jornalismo literário e para quem essa vinculação se faz inevitável – *The New Yorker* é reconhecida tanto como o berço do gênero perfil como o principal laboratório de experimentos em jornalismo literário dos EUA.

partamento de *fact-checkers* [apuradores de fatos], instituído para averiguar a veracidade de cada dado e afirmação dos textos publicados.

A prática se espalhou por outras publicações norte-americanas – *Esquire*, *The Atlantic*, *Rolling Stone* – e de outras nacionalidades – *Gatopardo*, *Etiqueta Negra*, *Realidade*, *piauí* – e o perfil por fim se tornou a forma por excelência para se converter em texto fragmentos de vida que de alguma forma tornam-se também parte de seus autores, atrelando-se a seus nomes, a sua identidade enquanto escritores de não-ficção – o Ernest Hemingway glamuroso de Lillian Ross, o Frank Sinatra irritadiço de Gay Talese.

Em muitos casos, o gênero também punha em evidência indivíduos cuja vida estava bem distante dos holofotes da imprensa e dos olhos do público, desse modo os tornando uma espécie de amostra qualitativa de seu meio social. Temos como exemplo, desde o perfil de Alden Whitman, obituarista do *New York Times* – em “Mr. Bad News” [Sr. Má Notícia], de Gay Talese, até o retrato dos matemáticos ucranianos David e Gregory Chudnovsky, obcecados pela disputa internacional para calcular com a maior precisão possível o número π em “The mountains of pi” [As montanhas de pi], de Richard Preston. No texto de Preston, a história dos números transcendentais na matemática e a odisséia dos irmãos na construção de um supercomputador caseiro se interlaça com o drama pessoal de Gregory, cuja doença física grave tornara-se um impedimento para que fosse contratado por uma universidade ou instituto de pesquisa – e nesse sentido a publicação do perfil contribuiu para uma mudança na vida dos entrevistados, proporcionando a Gregory o emprego e a estabilidade financeira de que tanto necessitava.

Temos um caso extremo e encantador na história de “The american man at age ten” [O homem americano aos dez anos de idade.], de Susan Orlean. A repórter havia sido contatada pela prestigiada revista *Esquire* para traçar um perfil de Macaulay Culkin, que em 1992 estava no auge de seu sucesso, às vésperas do lançamento de *Esqueceram de mim 2*. Orlean recusou o pedido e, em vez disso, escolheu como personagem Colin Duffy, uma criança comum, tímida e desconfiada. Um dos pontos mais interessantes da narrativa está na confissão da repórter de que Duffy era o entrevistado mais difícil com quem teve de lidar, relatando o longo processo em que foi, pouco a pouco, conquistando sua confiança enquanto brincavam com bonecos e jogavam videogame juntos.

Ao se falar da tradição internacional do perfil, outro nome inolvidável é o de Joseph Mitchell, cuja obra lançou paradigmas do gênero na *New Yorker* e possuía suas peculiaridades: da mesma forma como, de um modo geral, não perfilava pessoas de grande fama, interessava-lhe menos o que havia de singular, de extraordinário em suas vidas do

que o ordinário, o rotineiro. Não foi à toa que, principalmente a partir de meados dos anos 1940, o repórter passou a demandar cada vez mais tempo – meses e, em alguns casos, anos – para concluir um texto: precisava conviver com suas personagens, compreender quem eram aquelas pessoas, numa paciente espera para identificar aquilo a que denominava “declaração reveladora”, uma pequena frase que continha em si a essência da personagem (SIMS, 2007). Assim, investia não apenas na atenta observação dessas pessoas, mas no estabelecimento de um diálogo com elas que consistia principalmente em escutar.

O grande trunfo da abordagem de Mitchell estava em casar dois ou mais aspectos aparentemente contraditórios de suas personagens e apresentá-los como partes constituintes de um todo complexo: imergia tanto em suas vidas que elas se tornaram também parte da sua própria vida, de seu próprio passado (MITCHELL, 2015).

Curiosamente, até pouco tempo atrás faltava a um gênero tão tradicional e celebrado, um trabalho teórico de fôlego que se dedicasse a investigar suas peculiaridades, sua essência, sua prática. Algumas obras que atendiam a um ou outro desses aspectos surgiram nas últimas duas décadas: há seções de *Telling True Stories: a nonfiction writer's guide*, de Mark Kramer e Wendy Call, dedicado a orientar a prática do perfil, assim como dois livros-coletânea organizados por Sue Joseph e Richard Lance Keeble – *Profile Pieces and the Human Interest Bias* e *The Profiling Handbook* –, ambos orientados à investigação teórica e conceituação do gênero a partir de uma diversidade de estudos com recortes em torno de autores ou obras em específico. No cenário brasileiro, *Perfis (e como escrevê-los)* tornou-se uma obra de referência, embora a reflexão sobre o gênero esteja concentrada em um único capítulo, o ensaio “A arte do perfil”, enquanto a maior parte do corpo da obra consiste de uma coleção de perfis produzidos pelo autor.

Faltava ainda, porém, uma obra monográfica que se dedicasse a um estudo mais aprofundado sobre a natureza do perfil e que aliasse as preocupações teóricas às pedagógicas – uma obra que pudesse compor bibliografias de cursos tanto no âmbito da graduação como da pós-graduação. É justamente essa lacuna que Marta Regina Maia busca preencher com seu *Perfis no jornalismo: narrativas em composição*, lançado há poucos meses pela Insular, inaugurando a série Novas Diretrizes da editora – a qual, de acordo com o pequeno resumo na quarta capa, “atende aos novos currículos de Jornalismo na formação humanística, teórica e prática de profissionais preocupados com a ética e a qualidade da informação numa sociedade democrática».

A autora é docente e pesquisadora da Universidade Federal de Ouro Preto, integrando o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da instituição, líder do grupo de pesquisa *Ponto: afetos, gêneros*,

narrativas, e integra a coordenação colegiada da rede Renami, mencionada no início desta resenha. Nos últimos anos, Marta tem se dedicado à análise de perfis, linha de trabalho que já despontava no artigo “Subjetividades em cena no jornalismo biográfico de José Castello” (MAIA e LELO, 2013).

Ao conciliar teoria e prática, *Perfis no jornalismo: narrativas em composição* se mostra valioso por constituir um guia para acadêmicos que pretendem dedicar-se à análise de perfis, assim como para jornalistas e estudantes que tenham interesse em aprender a produzir textos desse gênero.

O livro se estrutura em quatro capítulos³ que dividem o percurso entre um panorama teórico sobre as narrativas sobre sujeitos, uma apreciação sobre a materialidade dos perfis, um retorno ao plano teórico para a caracterização do perfil enquanto gênero jornalístico e por fim um pequeno guia de iniciação à prática de escrita de perfis.

O primeiro capítulo, “O sujeito em primeiro plano”, parte das manifestações mais contemporâneas da narrativa sobre si como as *selfies* publicadas em redes sociais, envoltas por um quê narcisista, para indagar sobre o foco no indivíduo em narrativas de não ficção – sujeitos em negação ao coletivo, sujeitos como porta-vozes do coletivo – em gêneros como a biografia e autobiografia, a escrita memorialística e a narrativa de testemunho.

No segundo, “Perfil como composição textual do sujeito”, parte de uma definição inicial do gênero e da natureza profundamente dialógica do jornalismo – com seus pontos de tensionamento na interação entre repórter e entrevistados – para então apresentar um panorama histórico da prática do perfil no jornalismo norte-americano e brasileiro e, finalmente, uma análise da prática recente do perfil nas revistas *piauí*, *Brasileiros*, *Época* e *Realidade*.

O capítulo seguinte situa o perfil enquanto gênero a partir da noção bakhtiniana de gênero discursiva, tensionada a partir de outros autores, e das reflexões sobre o perfil enquanto gênero apresentadas por outros autores do campo. A seguir, discute as porosidades, contaminações e hibridismos entre jornalismo e literatura – embora, como adiantado na primeira nota de rodapé, descarte o termo e o conceito de jornalismo literário, ponto em que divergimos. Apresenta ainda uma pequena tipologia de gêneros distintos de perfil: perfil sucesso, perfil exaltação, perfil utilitário, perfil ironia, perfil cronológico, perfil humanizado, perfil complexo.

Por fim, o capítulo “Itinerários possíveis”, de aplicabilidade mais imediata a cursos de graduação em Jornalismo, desenha um pequeno guia de iniciação à prática do perfil. Ali são colocadas algumas questões em torno do desafio de se apreender e construir textualmente uma noção identitária a respeito de outros sujeitos, além das particularidades que

3 E aqui é necessário sugerir que em edições futuras o sumário e a diagramação da abertura de cada capítulo destaquem melhor os seus títulos, que nessa primeira edição não se distinguem dos títulos de subcapítulos.

os procedimentos de entrevista, escuta e observação demandam para a construção de um perfil, acolhendo a subjetividade do jornalista assim como sua sensibilidade para encontrar distintas soluções de método e de estilo a partir das peculiaridades de cada perfilado.

O livro possui ainda uma seção final na qual são apresentados seis perfis de lavra própria – dois deles obituários, produzidos posteriormente ao falecimento dos perfilados–, a maioria deles escritos nos últimos três anos. Seus perfilados são a costureira belorizontina Maria de Lourdes Cabral da Costa, o cineasta e editor João Moreira Salles, o cronista Lourenço Diaféria, o jornalista Audálio Dantas, Paulo Iabutti, pesquisador de música popular brasileira, e Cremilda Medina – docente da Universidade de São Paulo que, dentre diversas outras temáticas no campo da Comunicação, é idealizadora e coordenadora do longo projeto *São Paulo de Perfil*, e também autora do posfácio do livro. Cada perfil é acrescido de um pequeno *making of* em que discute singularidades no processo de apuração e construção do texto, mas mesmo no corpo principal de cada perfil tem destaque o forte vínculo entre a autora e seus personagens, indispensável para a produção de narrativas instigantes sobre os sujeitos.

Perfis no jornalismo: narrativas em composição é prefaciado por Fabiana Moraes – docente da Universidade Federal de Pernambuco e jornalista reconhecida por trabalhos como o livro-reportagem *O Nascimento de Joicy* –, autora que também tem conciliado prática jornalística e reflexão teórica, especialmente advogando em prol da valorização das subjetividades na produção contemporânea de jornalismo, o que já dá à obra o seu tom mais amplo.

Como já mencionado, o livro de Marta Maia é a primeira obra de caráter monográfico a se dedicar integralmente ao gênero perfil e, ao conciliar discussão teórica, panorama histórico, análise e apontamentos para a prática, possui um grande potencial para compor currículos de disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação. Ecoando as palavras de Mikhail Bakhtin, bastante referenciado ao longo do livro, temos aqui um elo de valor na cadeia dialógica do campo de estudos em narrativas no jornalismo e, de forma mais ampla, na comunicação, lançando sementes que deverão germinar novas e frutíferas discussões em torno do perfil enquanto gênero, sua natureza e tipologia.

Referências

JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard L. (orgs.). **Profile Pieces and the Human Interest Bias**. London: Routledge, 2016.

JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard L. (orgs.). **The Profiling Han-**

dbook. Suffolk, Abramis, 2015.

KUNKEL, Thomas. **Man in profile:** Joseph Mitchell of The New Yorker. New York: Random House, 2015.

KRAMER, Mark; CALL, Wendy (orgs.). **Telling True Stories:** a non-fiction writer's guide. New York: Plume, 2007.

MAIA, Marta. **Perfis no jornalismo:** narrativas em composição. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020.

MAIA, Marta R.; LELO, Thales Vilela . Subjetividades em cena no jornalismo biográfico de José Castello. **Revista Mediação**, v. 15, p. 122-136, 2013.

MITCHELL, Joseph. A place of pasts. **The New Yorker**, 16 fev. 2015.

REMNICK, David. Introduction. In: REMNICK, David (org.) **Life stories**. New York: Random House, 2000, p. ix-xii.

SIMS, Norman. **True stories:** a century of literary journalism. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis** (e como escrevê-los). São Paulo: Summus, 2003.

RECEBIDO EM: ACEITO EM: